

DÁCIO MALTA

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data: 19/08/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Meu nome é Dácio Gomes Malta e eu nasci no Rio de Janeiro, no dia 11 de março de 1948.

E quais eram os nomes e as atividades de seus pais?

Meu pai era jornalista, Octávio Malta, e minha mãe é "do lar", Rosa Gomes Malta.

Conta um pouco do seu pai e de como a trajetória dele influenciou a sua.

Meu pai começou no jornalismo aos dezessete anos, ele é pernambucano, mas, ao mesmo tempo, ele tinha muita atividade política. Era ligado ao Partido Comunista e veio para o Rio, depois foi para a Bahia, foi preso no Levante Comunista de 1935. É personagem do Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*. Casou tarde, estava sempre envolvido na política e foi um grande jornalista, um grande intelectual, reconhecido aqui por todos. O Samuel Wainer quando o conheceu em 1938 - isso está no livro do Samuel -, papai já era o "Capa Preta" do jornalismo brasileiro.

Essa relação dele com o Samuel virou uma grande amizade, como é que foi?

Virou uma grande amizade. Eles estavam juntos desde [revista] *Diretrizes*. Se você pegar o livro do Samuel, *Minha Razão de Viver*, o Augusto Nunes até disse, "ele detona todo mundo, o único que fica bem na história é o seu pai". E no prefácio também, escrito pelo Jorge Amado, ele cita três pessoas que nunca abandonaram Samuel, ficaram sempre junto dele. Era o papai, Noel Nutels e o Moacyr Werneck de Castro. E, quando Samuel quis fazer a [o jornal] *Última Hora* - não diz lá no livro -, a única pessoa que ele confiava tudo que estava fazendo com o Getúlio era sempre o meu pai. E lá ele foi redator-chefe do jornal, fez sucesso na época.

E você, criança, participava desse ambiente de redação, dessa relação do Otávio Malta com o Samuel, na *Última Hora*...

Eu sempre ia à redação, sempre. Fim de semana, quando meu pai ia, quando eu estava de férias, eu estava sempre lá na redação, sempre vendo aquele movimento, aquela coisa.

E como começa o seu interesse pelo jornalismo?

Eu sempre tive interesse, mas meu pai fez muito sucesso, sabe? Então, não passava pela minha cabeça de ser jornalista. Eu fiz direito, fiz vestibular para Faculdade Nacional de Direito, o antigo CACO, ali na Praça da República. Só que, no primeiro ano... Eu casei muito novo, aos 22 anos, aí quis ganhar dinheiro e acabei trabalhando em jornal por acaso. Pedi um emprego a um amigo do meu pai, que achou que eu sabia escrever. Então, acabei trabalhando em jornal. Mas foi por acaso.

Mas quando você entra na *Última Hora* o jornalismo já era uma opção?

Era uma necessidade de ganhar dinheiro. Eu estava no primeiro ano da faculdade, no segundo ano. Mas, eu dei certo e a faculdade foi ficando um pouco de lado. Eu terminei a faculdade, mas não era a minha prioridade. Fiquei na *Última Hora* pouco tempo, menos de um ano (oito meses), porque o jornal começou a atrasar o pagamento e eu fiz uma greve. Mas a greve era eu sozinho. É claro que eu fui demitido, não tinha jeito. Quem me demitiu foi o próprio Samuel.

E o seu pai, fica até quando na *Última Hora*?

Até 1973, quando o Samuel vende o jornal.

O que seu pai achou de sua greve?

Claro que achou que era uma maluquice, mas não comentou nada, ele falou "tudo bem". Minha mãe ficou achando que era o fim da minha vida, que nunca mais eu ia ser nada na vida, mas tudo bem. A vida continua.

Você pegou a *Última Hora* num período muito difícil para o jornal. Em que ano você entra lá?

No final de 1969.

Então, já é pós AI-5, quer dizer, a situação já está difícil para todo mundo e particularmente para a *Última Hora*. Como é que era o clima no jornal?

Olha, era o governo Médici.

Não. Costa e Silva, não? Não... Já era o Médici.

O Costa e Silva ficou doente logo depois do AI-5...

Logo depois do AI-5. Então, já era a Junta Militar...

Eu peguei mais o governo Médici. Mas eu fazia a reportagem geral, fazia o ato de rua, não fazia política. O chefe de reportagem, chamado João Rattes, me ensinou que o melhor repórter para cobrir determinados assuntos é o repórter que não entende nada daquilo, porque, como ele tem de ser curioso, isso é muito bom para ele fazer uma boa matéria.

Quem eram os seus companheiros de *Última Hora* nesse tempo?

Em matéria de reportagem tinha Henrique Lago, Benício Medeiros, tinha o Altenir (esqueço agora o sobrenome dele), e tinha repórteres um pouco mais velhos que estavam lá (eu não me recordo os nomes).

Tinha censor dentro do jornal? Como é que era?

Não, na *Última Hora*, não. Eu nunca trabalhei com censura dentro do jornal. Até porque a censura começa pra valer, talvez, no primeiro ano do governo Médici. Mas, depois, no *Jornal do Brasil* também nunca teve censura lá. Pelo menos que eu tenha visto. Tinha era bilhetes que chegavam com "isso não pode, isso não pode".

Você está falando, então, que nessa época, na *Última Hora*, os salários atrasavam... Então, a *Última Hora* já estava vivendo uma crise financeira determinada pelo o embate com a ditadura, dificuldades impostas pela ditadura...

Ah, com certeza, porque aí os anunciantes fogem. Ninguém ia anunciar num jornal que é contra o governo, que existem pressões do governo, enfim, tudo isso. Até jornalões, como o *Jornal do Brasil*, sofriam isso também quando o Hugo Abreu era chefe da Casa Militar.

E como é a figura do Samuel Wainer nessa época, num período tão difícil do jornal?

O Samuel ia pouco à redação, embora fosse todo dia. Ela passava pela redação, mas não era como quando eu era criança, que ele estava ali no dia-a-dia, colocando a mão na massa em alguns momentos. Nessa época era mais por telefone ou mesmo da sala dele. Ele já tinha ido para o exílio, tinha voltado.

Como ocorre sua passagem da *Última Hora* para o *Jornal do Brasil*?

Minha ida foi o seguinte. Eu fui demitido, fiquei um tempo fazendo *free lancer*. O *Jornal*, que na época fez uma reforma, eu trabalhei lá uma semana. Também só durou uma semana aquela reforma. Trabalhei em *Fatos e Fotos*, fiz uns frilas. Em agosto de 1970, meu pai, que era muito crítico dos jornais, tinha uma coluna cuja função era criticar alguns jornais, era amigo de diversas pessoas e pediu ao Nascimento Brito para eu fazer um estágio lá. E ele "então tá, manda ele aqui". Ele ligou para o [Alberto] Dines, editor chefe, e falou assim "eu tô mandando o Dácio aí, ele tem uma boa cara". E eu desci lá, fui apresentado ao chefe de reportagem. Eu estava vestido de camisa esporte. O chefe de reportagem era o Carlos Prata, que chegou e disse: "você mora aonde?". Eu disse: "no Flamengo". Ele falou: "então faz o seguinte, vai em casa" (isso era quatro e meia da tarde) "põe uma gravata e volta". Eu fui em casa, botei uma gravata e ele me colocou lá para fazer ronda de polícia, que não é que nem hoje. Hoje tem rádio, tem o diabo. Antigamente o telefone não dava linha, você tinha que ligar para trinta delegacias do Rio de Janeiro, mais os hospitais, mais o Corpo de Bombeiros para saber se tinha alguma novidade. Aí, quando acabava, você começava tudo de novo. Então, esse era o trabalho que eu tinha que fazer lá no início.

Você precisava de gravata para isso?

Precisava. Todo mundo usava gravata até para fazer trabalhos internos.

Você começa, então, como repórter de polícia?

Como repórter de polícia, estagiário.

E como é que era o aprendizado de estagiário naquele momento?

Não tinha aprendizado nenhum. Era "vai e faz". Mas, no começo, não. No começo era só fazer ronda mesmo. Eu passei um bom tempo fazendo ronda. Tinha outro repórter, eu chegava à uma hora da tarde e tinha outro repórter, Orivaldo Perin, que chegava de manhã. Depois foi meu companheiro: foi comigo para *O Dia*, voltou para o *JB*. Hoje ele está no *Globo*. Então, o Perin fazia a ronda de manhã e eu fazia à tarde. E quando tinha sorte, fazia uma ou outra matéria, né? Passei um ou dois meses fazendo isso.

Quais eram, além do Dines, os principais nomes da redação do *JB* nessa época?

O Dines era o redator chefe, o chefe da redação era o Carlos Lemos, o terceiro homem era o Luiz Orlando Carneiro, que tinha um cargo chamado editor de notícias. O chefe de reportagem era o Carlos Prata, que depois foi para a sucursal de São Paulo.

Você pega uma época áurea do *Jornal do Brasil*. A gente escuta muito falar que nesse tempo todo mundo queria trabalhar no *Jornal do Brasil*, que não cabia ser jornalista e não passar pelo *Jornal do Brasil*. Por que isso?

Porque era uma grande escola, os maiores jornalistas do país estavam lá, tinham uma tremenda estrutura, tinha dinheiro, chegou a ter dezessete correspondentes no exterior, coisa que nenhum jornal tem mais hoje. Acho que não tem jornal que tenha quatro correspondentes no exterior hoje, pagos com salários. Tem pessoas que moram numa cidade e estão lá, fazendo freelas e ganham por aquilo que produzem. Mas, mandados pelo jornal para ficar na cidade? E tinha tudo, quer dizer, o jornalismo moderno que tinha tudo, começou lá no *JB*. Departamento de pesquisa e essas coisas todas. Era uma grande escola.

Nessa primeira fase sua no *JB*, a partir de 1970, como era a concorrência com *O Globo*?

O Globo era um jornal importante, mas era um jornal popular. Era um jornal como é *O Dia* hoje. Um jornal popular que não tinha grande importância. O *JB* era absoluto.

Qual era o público leitor do *Jornal do Brasil*?

O público leitor do *Jornal do Brasil* era a classe A, B e quem fazia opinião mesmo, professores, profissionais liberais. Era o principal jornal do país. Mais que *Folha*, *Estadão*, mais que todos eles.

E qual era a linha política do *JB* nessa época?

O *JB*, como todos os jornais, estava com o governo, embora tivesse alguma independência. Ele não era totalmente... Existe uma história curiosa, que uma vez o presidente Costa e Silva esteve com a Condessa Pereira Carneiro e reclamou dos editoriais. Ela disse, "não, o que a gente faz aqui são críticas construtivas". Aí ele disse, "mas eu gosto de elogios". Então, tinha alguma coisa. Ele não era totalmente governista.

O episódio da saída do Dines teve alguma coisa a ver com isso? Ele ocorreu em 1973, se eu não me engano. Você se lembra desse episódio da demissão do Dines?

Eu me lembro. É que isso foi já na sede nova. Mas eu não saberia dizer se teve algo a ver com isso, não. Não sei. Eu era um jovem repórter. Não cuidava disso.

Você lembra quando foi a mudança de endereço do *Jornal do Brasil*?

Claro que eu lembro. Fui que fiz a matéria. A mudança foi feita num domingo de carnaval. Quem fez a matéria fui eu, da mudança, no carnaval de 1973.

Em que medida você acha que a mudança teve alguma relação com a crise posterior do *Jornal do Brasil*?

Olha, certamente teve. Aquilo era um palácio. Havia andares inteiros vazios. Tinha um andar que seria para instalar uma televisão que nunca foi ao ar na vida. Então, claro que sim.

Como foi a operação da mudança? O que você relatava nesta matéria?

A operação da mudança era... não tinha grandes coisas, cada um que levou as suas coisas. Não houve mudanças de mobiliário, de nada disso. "Hoje você não fica mais aqui, a partir de terça-feira em outro local". Era uma matéria curta, de cinquenta linhas. Nada mais do isso.

Foi num domingo, na segunda o jornal já rodava. Ele saía na segunda?

Naquela época, o jornal não saía no carnaval e ele não circulava na segunda-feira. Segunda-feira era o dia força d'O *Globo*. O *Globo* não saía aos domingos e o *JB* não saía às segundas. Isso foi um erro do *JB*. O dia que o *JB* resolveu sair segunda, O *Globo* resolveu sair no domingo. Aí deu no que deu.

Tinha anunciante para o jornal na segunda?

Se tinha? Não... é como hoje. Quer dizer, hoje menos ainda. Mas era muito pouco. Sendo que O *Globo* tinha muito anúncio no domingo.

Você acha que esse foi um fator importante...

Foi um erro, foi um erro. Sem dúvida nenhuma, foi um erro.

Essas decisões, quem tomava? Era o dono do jornal? Como elas eram tomadas, você lembra?

Eu não sei. Eu disse para você que eu era um jovem repórter. Mas, devia ser feito como é feito hoje, a diretoria do jornal se reúne e decide. Acham que tem uma oportunidade ali de vender também às segundas-feiras, o outro também acha que pode vender domingo. Aí quem é que decide? Os diretores de redação, comercial, industrial. E o presidente tem a última palavra. É o dono do jornal.

E como era a atuação dos donos, da Condessa, do Nascimento Brito, eles eram pessoas presentes na redação?

O doutor Brito era, quer dizer, todo dia antes de ir embora ele passava lá pela redação. Na sede velha, ele só ia à sala do editor, não entrava na redação. Na sede nova, como a sala do editor era atrás da redação, ele atravessava a redação para poder falar. A condessa nunca veio na redação. Eu nunca vi.

No início da década de 1970, o *Correio da Manhã* e a *Última Hora* terminam, não é? Em que medida há uma mudança do perfil do mercado de trabalho para os jornalistas do Rio de Janeiro? O fim da *Última Hora* e do *Correio da Manhã* têm esse impacto ou não? Vários jornais que foram desaparecendo, não é?

É. Teve o *Correio*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*... Acho que repórter bom não está desempregado não, sabe? Está sempre empregado. Eu não sei se diminuiu muito, porque as pessoas que trabalhavam no *Correio*, boa parte delas (eu não estou falando, claro, a cúpula disso) nem eram jornalistas. Eram pessoas que gostavam de jornal, trabalhavam lá e, não sei se teve grande impacto, não, naquele momento. Os outros cresciam, *O Globo* crescia, o *JB* crescia.

Quais são suas principais lembranças do tempo de repórter?

Logo que mudou a sede, o *JB* teve um editor chamado Armando Strozenberg e ele mudou a cara da reportagem do *JB*. Reuniu todo mundo e perguntou: "o que vocês querem fazer?" E dividiu a reportagem em seis setores. Um cuidava de polícia, outro cuidava de educação e cultura, outros cuidavam de saúde e comportamento, outros de administração pública, outros cuidavam de política, associações comunitárias e igreja, para onde eu fui. Era a menor coordenadoria que tinha e foi quando se aboliu a gravata no *JB*, menos no meu caso, porque como eu fui fazer política, associações comunitárias e igrejas, tinha que continuar usando gravata. Mas era muito pouca gente. Também, não tinha muito que fazer, porque, na política, estava tudo fechado. O coordenador era o Artur Aymoré, o Tarcísio Holanda ainda estava no Rio de Janeiro, era repórter dessa coordenadoria. E a lembrança que eu tenho é que, a partir daí, eu cobri a presidência da República. É

que o presidente Médici vinha muito ao Rio e toda crise que ele tinha, vinha para o Rio. Ele tinha que demitir o Ministro da Aeronáutica e vinha pro Rio. Estou dando um exemplo, digamos assim. Mas, também não fiquei muito tempo, porque eu não consegui presenciar, cobrir a presidência. Fiquei lá durante uns quatro meses e negaram a credencial. Aliás, isso era uma coisa que se repetia muito.

Essa era uma das dificuldades de se trabalhar durante a ditadura?

É. Eu não fui, mas tinha outro repórter. Isso aí tinha muito. Eu cobri o escritório do Geisel, quando ele foi candidato à presidência. Ele tinha um escritório aqui, no Largo da Misericórdia. E eu cobri um bom tempo, viajava com ele... Também não era credenciado, porque ele não era governo ainda. Mas teve um momento publiquei uma matéria e pediram ao jornal para me tirar. A matéria era uma viagem que ele fez a São Paulo e um grupo de pessoas encaminhou um documento a favor da reforma agrária, uma coisa assim, e eu reportei isso, o jornal publicou e não gostaram e pediram a minha substituição. Eu fui substituído.

Não foi demitido?

Não. Agora, eles queriam alguém mais dócil ali.

Este foi o único problema que você teve com a ditadura ou teve mais algum?

Eu tive esse episódio do Médici, que me negaram a credencial...

Alegando o quê?

Eles não alegavam nada. Tive o episódio do Geisel e tive outro, que foi o seguinte: tinha eleição para OAB [Ordem dos Advogados do Brasil] e a sede da OAB, do Conselho Federal, era no Rio de Janeiro. Um candidato tinha a aprovação do Estado e outro contra. Eu fiz uma matéria dizendo que tinha duas chapas e demos uma página inteira. E não sei por que a OAB não era muito bem vista, assim como a ABI [Associação Brasileira de Imprensa] não era bem vista, nem a CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil]. E tinha, eu não sei bem porquê, um boato que eu tinha sido preso por causa dessa matéria. Eu não fui preso, não fui ameaçado, não fui nada. Mas essa coisa foi crescendo, crescendo e tinha telegrama da *France Press* dizendo que eu estive preso e tinham marcado uma reunião em solidariedade pela minha prisão. Aí eu disse "para com isso, eu vou acabar sendo preso mesmo se continuar assim". Mas, não teve nada não.

Você trabalhou neste momento no *JB*, que tinha dois grandes colunistas, o Carlos Castello Branco e Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Atayde. Você pode comentar um pouco como era a importância dessas duas colunas para o jornal?

O Tristão [pseudônimo de Alceu] era da resistência. Tinha outros também, como o Barbosa Lima Sobrinho. Barbosa Lima trabalhou no jornal até morrer. Era a resistência. Mas, nem tanto. O Castello morava em Brasília, conversava com o governo e sabia o que podíamos e não podíamos escrever. Agora, o Tristão e o Barbosa Lima, não.

Você fez cobertura política. Como era o acesso às fontes para obter essa informação política? Era comum ter entrevistas com o presidente Geisel?

Não, não. Mas, sempre conversava sim. No tempo do Geisel, quer dizer, o Geisel, no Largo da Misericórdia, era ele, o Golbery [do Couto e Silva], o Heitor Ferreira, secretário particular, e Jean Moraes Rego. Com o Jean Moraes Rego a gente conversava. Pelo menos uma vez por semana, ele recebia três, quatro repórteres para conversar.

Este é um momento antes de ele tomar posse?

Antes de ele tomar posse. Mas, depois que ele toma posse, vai pra Brasília e eu continuo no Rio de Janeiro.

Mas, quais eram as dificuldades dessa cobertura política da época?

A principal dificuldade é do Rio de Janeiro, porque as pessoas foram para Brasília. E o Rio de Janeiro ainda tinha os funcionários mais antigos que ainda vinham muito aqui, ainda tinham casa aqui. E tinha alguns centros, o Palácio Monroe, local aonde ia muito político. No governo Geisel foi derrubado o Palácio Monroe com a desculpa que tinha que passar o Metrô, tinha que ser um respiradouro do Metrô. Mas você sabe, eu ouvi dizer que aquilo era um centro de fofoca contra ele. Por isso, era preciso destruir o Palácio. E foi derrubado. Mas tinha alguns centros: o Palácio Monroe, o Palácio Tiradentes também era um ponto de encontro de políticos. E no Rio tinha um negócio chamado Clube dos Repórteres Políticos, que a gente trazia pessoal de Brasília para cá e eles adoravam, porque aqui, quando os políticos falavam tinha uma repercussão imensa. Para você ter uma idéia, o Ulysses Guimarães lançou sua candidatura no Clube, num almoço que a gente fazia na Casa da Suíça. Ele foi lançado aqui e terminou aqui também, tanto o lançamento quanto o encerramento.

Você tinha fonte dentro do governo? Esses políticos, você conhecia alguém próximo?

Eu conheci, mas quando estava aqui no Rio, não, quando fui trabalhar em Brasília, sim.

No período ainda da ditadura?

No período da ditadura. Eu fui para Brasília no governo Figueiredo, em 1982. Fui trabalhar na *Veja*. Aí tinha. Trabalhava na *Veja* e era até procurado por eles. Uma vez, eu tinha uma viagem marcada para o Rio de Janeiro, uma sexta-feira. Aí me ligaram do gabinete do [Ibrahim] Abi-Ackel, Ministro da Justiça, e o recado era, "a audiência que você pediu está marcada pra hoje às cinco horas da tarde". Aí adiei minha viagem e fui lá. Eu não pedi audiência nenhuma pra ele, mas naquela época já era mais fácil também.

Ao mesmo tempo que já tinha uma abertura política, mas que encontrou resistência dentro do próprio núcleo militar, as fontes passaram a buscar os jornais, os jornalistas, para tentarem veicular seus interesses?

Aqui no Rio, muito pouco. Quando tínhamos o Palácio Monroe, ainda havia um pouco disso. Depois que derrubou, não, porque aí as pessoas se dispersaram. Em Brasília sim, mas já é no Governo Figueiredo. Já é o finalzinho.

E qual é a situação da *Veja* naquele momento?

A *Veja* era a revista mais importante do país. Era dirigida pelo [José Roberto] Guzzo, tinha o Élio Gaspari, com quem eu tinha trabalhado aqui no Rio. O Élio foi editor de política, eu fui subeditor. Eu e também o Almir Gajardoni. E era revista mais importante do país.

E na sucursal [de Brasília], quem é que trabalhava com você?

O chefe era o Luiz Cláudio Cunha e os repórteres eram Moacir Oliveira... Tinha um grupo grande do PC do B [Partido Comunista do Brasil]. Era uma reportagem pequena, tinha, sei lá, oito repórteres, três eram do PC do B.

Você foi como editor-assistente da *Veja* e fica até 1983.

Fui como editor assistente.

Em seguida, você volta para o Rio?

Eu fui pra Brasília, porque naquele momento eu queria sair do *JB* e o Élio [Gaspari] falou: "tem em Brasília. Quer?" Aí eu fui. Mas, aí surgiu uma vaga no Rio, que era

do Marcos Sá Corrêa, ele estava saindo. Aí ele me chamou. Mas, o Luiz Cláudio [chefe da sucursal de Brasília] estava saindo também. Aí ele disse: "Você pode voltar pro Rio ou ser chefe da sucursal também". Chefe da sucursal eu não queria, porque eu queria voltar pro Rio. Aí, aceitei voltar pro Rio. Quando estava certo que eu ia voltar pro Rio, o chefe da sucursal convida o Merval Pereira, que era meu amigo, nós estudamos juntos. Aí eu disse: "vou ficar aqui mais um pouquinho". E fiquei mais um tempinho lá. Quatro meses depois surgiu outra vaga no Rio. Aí ele falou assim "tem outro vaga, quer?". Aí era brincar demais com a sorte, aí, eu voltei para o Rio de Janeiro.

Aí você volta para *Veja*?

Para a *Veja* aqui no Rio.

Mas, é a *Vejona* ou é a *Vejinha*?

A *Vejona*. O Marcos tinha voltado e o chefe da sucursal era o Flávio Pinheiro. Aí arrumaram uma sucursal muito boa: tem Flávio Pinheiro, Ancelmo Gois, Joaquim Ferreira dos Santos, Lúcia Rito, uma tremenda sucursal. Em 1985, o Marcos é convidado para ir para o *JB*, para ser editor-chefe. Ele levou três pessoas: Flávio Pinheiro para ser editor do *Caderno B*, o Ancelmo Gois, para fazer o *Informe JB* e eu para ser chefe de reportagem.

Antes desse período do *JB*, a década de 1980 é marcada por coberturas muito importantes, desde o atentado do Riocentro em 1981, *Diretas Já*, cobertura da morte do Tancredo. Como você avalia todo processo de redemocratização? Como é a cobertura daquela época? Como os jornais se portaram nesse período de acontecimentos muito dramáticos?

Acho que eles se portaram bem. Em todos eles, com exceção do Riocentro, que começou bem e parou. No Riocentro, *O Globo*, por exemplo, fez dois dias, deu um banho e depois nunca mais retornou ao assunto. As outras coberturas, das *Diretas Já* e a morte do Tancredo - mas *Diretas Já*, principalmente - depois de um determinado período, acho que foi ótimo, porque foi uma das poucas vezes que patrão e empregados queriam a mesma coisa. Então, ficava mais fácil.

Havia mesmo esse clima nas redações?

Havia. Com certeza, havia.

Mas não em todas, não é? Porque *O Globo* e a *TV Globo*, por exemplo, demoraram a entrar...

Demoraram, mas quando entrou também, quer dizer, se o dono decide dar e se a redação também está a fim de dar... quando o clima aqui é favorável, aquele comício da Candelária, comício do um milhão. Se a gente se informar direito, devia ter umas trezentas mil pessoas. Se for fazer aquela coisa do metro quadrado, quantos metros tinham, quantas pessoas cabem por metro quadrado, são quatro pessoas, então, umas trezentas mil pessoas. Todos os jornais deram um milhão. Entrou para a história como o comício de um milhão. Sendo que a *Folha de S. Paulo* avançava um pouco mais porque falava em um milhão e cem mil pessoas.

Você acha que às vezes o jornalismo pode ser prejudicado por esse entusiasmo, que alguns momentos políticos ou alguns momentos dramáticos, como a morte do Tancredo, podem provocar? Você acha que, às vezes, a informação pode ir a reboque de momentos mais emocionais? Como isso, não tinha um milhão, mas talvez fosse importante naquele momento...

Falamos que tinha um milhão e não tinha. Ninguém ia contestar que não era, mesmo quem sabia fazer conta e falava que podia ser trezentos, falava que era um milhão, porque se combinou que ia ser um milhão. Os organizadores que disseram "vamos trazer um milhão de pessoas". Aí era um milhão de pessoas, pronto. Mas eu acho que isso acontece quando todas as pessoas estão de um lado só. Depois não teve mais isso. Não me lembro de outro episódio como esse. Talvez na queda do Collor. Depois...

Quando você volta para o JB, em 1985, essa turma nova que está indo para os diferentes cargos de chefia... Tem alguma coisa acontecendo no JB, no sentido de alguma mudança, alguma reformulação, algum projeto de mudança?

Tem uma mudança de imagem, porque, nesse período, o JB ficou com a fama de que tinha "malufado". Teve um editor lá que era paulista, um cara ligado ao Maluf. Então, o JB estava mal das pernas neste momento. Aí, quando o Marcos [Sá Corrêa] chega e leva o pessoal, isso se aclara. Pelo menos acaba com a fama.

Havia uma necessidade de se mudar essa imagem?

Havia, havia, sem dúvida nenhuma.

O JB já estava mal das pernas também empresarialmente, quer dizer, financeiramente?

Nessa época, em 1985, não.

Quando começa a crise do *Jornal do Brasil*?

Eu acho que começa no final dos anos 1980, início dos anos 1990, quando começa a atrasar salário.

E aí você vai para o *JB* como chefe de reportagem?

Em 1985 eu fui como chefe de reportagem.

Você lembra nesse período de coberturas importantes ou outros fatos marcantes?

Em 1985 eu fiz uma coisa importante. O *Jornal do Brasil* resolveu fazer um caderno de Economia e tinha um editor que o Marcos cobrava um projeto dele. "Vamos sair tal semana que vem e tal". Ele adiava, adiava e nada de botar o caderno na rua. Aí eu disse "Desse jeito eu vou fazer um caderno de Cidade". Aí eu fiz e foi um sucesso para o jornal. Ganhei um Prêmio Esso, na época, por conta disso. Eu brinco dizendo que o *New York Times* lançou dois meses depois, sabe? Mas é verdade. Claro que não foi por causa do *JB*, mas é uma coincidência. Nessa época o jornal estava bem. Para você ter uma idéia, só a folha de pagamento do Caderno de Cidades empregava oitenta e tantas pessoas e muitas delas estão aí até hoje. Repórteres espetaculares...

Nenhum dos grandes jornais do Rio e São Paulo tinha um caderno Cidade ainda?

Ninguém tinha, ninguém fez. Só o *JB*.

E como você vendeu essa idéia dentro do jornal?

Eu tinha uma equipe espetacular. A gente sempre dava furo no que se referia à cidade e se tivesse mais papel, mais espaço, a gente faria melhor. E foi o que eu fiz. Brincava também que *O Globo*, ainda nessa época, vivia muito de olho no que o *JB* fazia. Então, cada furo que levava, o chefe de reportagem lá era demitido. Então, eu achava isto ótimo. Enquanto tivessem demitindo, não precisava demitir no *JB*.

Você falou que tinha uma equipe excelente com você. Quem compunha essa equipe?

Orivaldo Perin, Israel Tabak, João Batista de Freitas, Bruno Thys, Jorge Antônio Barros, Bella Stal, Mara Caballero, tinha tanta gente, Roney Lima, Márcia Fortes,

Ana Paula Araripe, Adriana Castello Branco. Estas estavam começando. Mas, estão todos aí. A maioria hoje é chefe, diretor de jornal, tipo o Bruno.

Quando você passa a ter o caderno só para a cobertura de cidade, isso muda a natureza da cobertura?

Passa a ter grande reportagem todo dia. A reportagem era pautada pelo próprio repórter, quer dizer, tinha de ter minha aprovação, mas ele mesmo pautava, ele mesmo fazia. Nesse tempo ainda não tem o computador. Tem o copidesque. A matéria desse cara não passa pelo copidesque, se passar pelo copidesque vai piorar, que é matéria dele, então era proibido passar. Muda que a gente tem notícia boa, que hoje em dia não tem. Então, se as árvores do Aterro do Flamengo estão dando flores, vamos atrás disso. Se a vitória-régia está florescendo, vamos lá fazer isso. Tem notícia boa, não é só coisa ruim. Notícia de polícia muito pouco, mas também quando tem alguma coisa, você dá uma página, duas páginas, mas não tem essa coisa de que é hoje, que só tem polícia.

Em seguida você vai ser convidado pelo Ary de Carvalho para ir para *O Dia*?

Por conta do Caderno Cidade. O Ary já tinha comprado o jornal há uns quatro ou cinco anos e tinha feito uma reforma na rotativa, no comercial, no industrial, na circulação, mas queria melhorar o jornal. Não queria ser o "espreme e sai sangue". Ele tinha trabalhado na *Última Hora*, que era um jornal popular com prestígio político, inclusive. E *O Dia* não tinha nada disso. E ele me chama para ser diretor do jornal, fazer uma reforma lá. Ele tinha chamado, antes, duas pessoas, que não acreditaram na proposta dele. Ele já tinha feito uma reforma na *Última Hora*, quando tirou o azul e botou tudo preto. Foi um fracasso. Contratou um monte de gente e demitiu todo mundo. Aí eu acreditei e fui. Levei comigo o Perin, aquele que fazia comigo a ronda de manhã. O Perin tinha passado um tempo na *Folha de S. Paulo* e tinha voltado para o *JB*, tinha ficado lá dois meses. E eu queria levar ele e uma das razões era que ele tinha feito parte da reforma da *Última Hora*. Então, era essencial tê-lo do meu lado, porque, "olha só, a *Última Hora* não deu certo porque não tinha que dar, mas agora vai dar certo". Tanto é que o Perin, que trabalhou lá, acredita que vai dar certo e veio comigo. E eu fui, achei que ia dar certo e deu certo. Achei que não tinha muito erro. Porque o Ary tinha uma fama de ser meio instável. Então, se desse errado, a culpa era dele, se desse certo, o acerto seria meu. Então, fui.

Como vocês começam a pensar essa reforma de *O Dia*?

Fiquei um mês lá sem fazer nada. Eu só olhava, olhava, via como aquilo funcionava, perguntava por que aquilo era feito daquela maneira e fui mudando muito devagar. Cada coisa tinha que ir lá, no Ary, discutir com ele, ele ficava "tem que ter cuidado com isso aí, pô". Tipo assim, coisa boba. O telefone do jornal estava na primeira página, lá em cima. Aí eu queria tirar. Ele disse: "isso aí, cuidado". Tinha uma coluna de milagres, tinha coisas incríveis lá.

E o famoso "espreme e sai sangue", como vocês mudam isso?

Isso foi aos poucos. Quer dizer, na verdade, o jornal era pequeno. O primeiro caderno, de matéria mesmo, tinha dez páginas. Se tinha duas de anúncio, ficava doze. O espaço de polícia, a gente nunca diminuiu. Quando eu cheguei lá, eram três páginas, quando eu saí, continuou tendo três páginas. Só que era feito com agilidade. Primeiro, porque policial deixou de trabalhar lá. Lá tinha repórter que chegava lá, tirava a cinta e o revólver e botava em cima da mesa antes de começar - não a escrever, porque lá redator ainda escrevia. Os caras chegavam e tinha um grupo de redatores e eles contavam as histórias para os caras e os caras escreviam. Uma patrulhinha prendia alguém e, muitas vezes, antes de ir para a delegacia, passava lá no jornal para apresentar o cara. Por quê? Porque o jornal dizia que o guarda era ótimo, fenomenal. Tinha muita mentira, muita cascata. Isso acabou nesse período que eu estive lá. Isso aí não tinha mais. Nesse um mês eu ficava só olhando. Teve uma manchete do jornal sobre um sujeito que teria matado, sei lá, umas trezentas pessoas na Rocinha. Alguma coisa assim. E aí botava o cara como tremendo bandido. Era o Dênis da Rocinha. Eu fui processado pelo Dênis da Rocinha, porque ele não tinha matado trezentos. A minha sorte era que tudo lá era muito mal feito. O nome do Dênis era Denir Leandro da Silva e, em nenhum momento, a matéria falava no Denir Leandro da Silva, falava no Dênis da Rocinha. Aí, a minha defesa foi "quem disse que Dênis é você? Dênis têm diversos". Então era assim, completamente irresponsável, entende? Tinha essa coisa da polícia e o resto era coluna. Todo mundo tinha uma coluna lá, o presidente do Sindicato dos Porteiros, o presidente do Sindicato dos Taxistas. Aos domingos, a página três era internacional. Quais eram as matérias? "China empresta dinheiro para o México". Era matéria, porque tinha um telegrama, era só reportar aquilo, colar, pronto, vai em frente. Tinha que mudar era isso. Tinha uma fantasia de que isso vendia jornal, que os porteiros compravam, porque o presidente do Sindicato escreve lá, para os taxistas é bom, porque o presidente do Sindicato... Mentira. Ninguém compra jornal para ler isso. Você, para isso, compra o boletim do Sindicato. Assim como também ninguém vai comprar porque tem milagre. Milagreiro por milagreiro, a Nossa Senhora de Aparecida [do Norte, SP] deve fazer

muito mais milagres que a de Porto das Caixas. Está entre as duas maiores cidades do país, entre Rio e São Paulo então, tinha que botar os milagres de Nossa Senhora de Aparecida.

Fora isso, tinha uma parte de opinião. Um grupo de pessoas começaram a escrever lá, para o Segundo Caderno. Levei umas pessoas, Rubem Braga, [Fernando] Gabeira, [Carlos Eduardo] Novaes para os esportes. O Sérgio Cabral havia sido demitido de *O Globo*, Sérgio Cabral pai, foi lá escrever. O César Maia queria ser deputado, aí eu chamei ele: "tem uma coluna aqui, *Como o pobre pode ganhar dinheiro*. Se você ensinar o pobre a ganhar dinheiro, você vai se eleger, se ele perder, você perde junto com ele". Então, era assim. As pessoas que não podiam escrever em outros jornais. Dom Mauro Morelli escrevia lá. Uma vez, o Ancelmo Gois, que estava no *JB*, me liga. "O Dácio, eu tenho um amigo, mas eu não consigo publicar aqui, doutor Brito não gosta dele, diz que ele é comunista, não dá para publicar aqui". "Ah, tá bom, manda pra mim". E toda semana a gente publicava lá. Era o Betinho. Betinho escreveu no *O Dia*. E foi assim. Aí você vai devagarzinho. E depois, nos últimos, não sei precisar, mas uns seis meses antes de eu sair, nenhuma manchete do jornal era de polícia. Nenhuma. Manchete era sobre previdência, sobre servidor, outras coisas. E uma coisa que foi legal foi o seguinte: quando o Ary me chamou, ele topava perder alguns leitores. Ele sabia que ia perder. "Vamos mudar, vamos...". Tanto é que, quando eu vou pra lá, é lançado um jornal de uns bicheiros, se eu não me engano *A Hora do Povo*.... Não: *O Povo na Rua*. Ele quis lançar, então, eu disse: "vem aí um cara do *JB*, ele quer fazer disso um novo *JB*, então tem um espaço aqui pra gente". E o Ary achava que ia perder leitores, mas quando eu saí de lá, tinha mais leitores ainda. Uma semana depois que eu saí, (quer dizer, não fui eu que publiquei) naquele mês, eles tinham batido o recorde. Eram trezentos e sessenta mil jornais diários. Hoje vende oitenta por dia.

Quando você deixa *O Dia*, qual é a marca que o jornal chega a atingir?

O Dia, quando eu saí, estava vendendo trezentos e sessenta mil jornais diários. Era a média diária de segunda a sábado, fora domingo. Isso era uma coisa extraordinária, porque o Ary topava perder leitor, mas aí, aumentou.

Quando o Ary se projeta e tenta mudar o jornal, até disposto a perder leitores, ele está de olho em abocanhar os leitores de *O Globo*. É isso?

Ele está de olho em ter prestígio político e ter mais publicidade. Então, se ele tem mais publicidade, ele pode vender menos, porque a publicidade vai resolver essa questão dele. Só que a questão da publicidade também era difícil. Você tinha que dar qualidade ao jornal para ter mais fácil publicidade. Para você ter uma idéia,

quem é que toma cerveja? Quem você imagina? Acho que é basicamente a classe popular, eu imagino. A Brahma não anunciava no jornal *O Dia*, porque achava que era desprestígio para a sua marca anunciar lá.

O público de *O Dia* muda? Quer dizer, ele só cresce ou muda no sentido que ele se elitiza também?

Muda também um pouquinho. Eu não sei dizer essas coisas de classe A, B, C, D, E. A classe A tem que ter, por exemplo, aspirador. Se você não tem aspirador de pó, você não é classe A. Então... mas ele teve um *up grade* sim, no seu leitor.

Vocês faziam pesquisas?

Fazíamos. Foi feita muita pesquisa. Foi feita pesquisa, pesquisa qualitativa, tinha coisas extraordinárias, tipo o seguinte (vou dar um exemplo bem absurdo): o leitor de *O Dia* sentia falta de noticiário de surf. *O Dia* não publica campeonato de surf. E eu achava que era mentira. "Não é possível, essa pesquisa está errada. Se tem isso, está tudo errado". Mas, se você pensar direito, um campeonato de surf, primeiro: é na praia; dois: é de graça; três: você vai de calção e quando você vai de calção, se você é rico, é pobre, não importa a sua cor, não importa nada, você está igual a todo mundo ali, ali está todo mundo igual. Tem mulheres maravilhosas onde se pratica esse tipo de esporte. Nessa época, o campeonato de surf era patrocinado por uma loja de roupas aqui no Rio, chamada Company. A Company tinha umas mochilas com um "C" grande - era talvez a marca brasileira mais falsificada no Rio de Janeiro. Todo camelô tinha mochilas da Company. Então, era isso mesmo. O leitor jovem de *O Dia* ia - o campeonato de surf era sempre no Arpoador - pegava um ônibus, descia no final da Praia de Copacabana, no ponto final do ônibus e ia pra praia. É claro que você não vai substituir o futebol pelo surf. Não é isso. Mas, tem que dar lá um pedacinho para falar do campeonato de surf, que você vai agradar ao novo leitor, ao jovem leitor.

Em que medida a reforma de *O Dia* mudou também a redação do jornal?

Para mudar o jornal, era preciso mudar as pessoas. E eu mudei muita gente lá. No início foi difícil, porque muita gente não acreditava. Quem é que queria trabalhar n'*O Dia*? Era difícil. Ele ainda tinha aquela fama do "espreme e sai sangue". Mas, eu trabalhei com basicamente com dois tipos de profissional. Um, o bom profissional. Eu fui pra lá em 1987, ano em que Moreira Franco tinha assumido o governo e tinha tirado das redações diversos jornalistas bons para botar nas secretarias. Só que o Estado não pagava. Ele ficou uns seis, oito meses sem pagar ninguém. Então, esse pessoal, que precisava ter um emprego, acabou indo para ali. Esse era

o profissional já pronto. Os outros foram estagiários. Tinha muito estagiário. A gente fazia uma seleção e botamos muita pessoas que continuaram na carreira, pessoas boas, bons repórteres.

Expandiu a redação?

Aumentou. Uma das coisas que fazia parte do meu acordo lá com Ary era que tinha que aumentar a redação e os salários também. Talvez uma coisa que me dê mais orgulho da profissão é a minha passagem pelo *O Dia*, porque criamos um mercado de trabalho ali, coisa que não existia no Rio. Ninguém ia trabalhar lá. As pessoas que estavam lá eram ligadas ao Chagas [Freitas, fundador do jornal], eram funcionários públicos, eram pessoas ligadas a corriola dele. Por isso, o sujeito ia lá com o revólver. O Chagas deve ter perdido dinheiro com aquele jornal, porque ele era muito partidário, o jornal era para atender os interesses dele e quando chegava numa eleição, os adversários não podiam anunciar e os partidários não pagavam, então aquilo ali foi vendido a preço de banana. Todo mundo diz que foi uma loucura. Eu acredito hoje que, se ficasse na mão do Chagas, ele ia acabar, porque dava um prejuízo imenso.

Mas foi a preço de banana, mesmo? Como é essa história da transferência do jornal do Chagas para o Ary?

Eu sei, por leitura de jornal, por conversas, que ele foi oferecido a diversas pessoas. O Ary é a quarta ou quinta pessoa. Ele não tinha dinheiro para pagar, ofereceram dinheiro pra ele comprar o jornal, emprestaram pra ele e ele, como era muito audacioso, aceitou fazer isso e deu certo. Mas, todo mundo, na época, dizia o preço que ele pagou não pagava nem a garagem do jornal. O jornal era ali na rua do Riachuelo e tinha uma garagem em Santa Teresa. O jornal vendia muito, mas a máquina rotativa dele era a mais rodada do mundo. Era tão velha... precisamos mudar tudo lá, estava tudo caindo aos pedaços.

Então, teve essa mudança também, esse investimento de mudar a máquina?

Teve tudo isso. Mas isso já é depois. A compra da máquina foi feita depois que um ex-genro do Ary vai pro jornal, o Walter Matos Júnior, que hoje é o dono do *Lance*. É aí que o jornal se moderniza de verdade, industrialmente. Garoto inteligente, ele sabe a importância que tem uma nova rotativa, um novo parque gráfico e aí ele toca esse projeto.

Na sua época já houve a informatização?

Na minha época, não. Ainda era máquina de escrever, cada máquina de escrever, cada mesa diferente da outra. Parecia delegacia de polícia, aquelas de ferro antigas.

Você falou que o Ary de Carvalho era uma pessoa ousada. Além disso, como descreveria o Ary de Carvalho?

Basicamente isso. Ele era corajoso, atrevido, meio aventureiro (a palavra aventureiro tem um sentido pejorativo, mas ele era um aventureiro mesmo). Ele começou trabalhando na *Última Hora*, em São Paulo. De lá foi para a *Última Hora* do Paraná. De lá foi para a *Última Hora* de Porto Alegre. Tem três filhas. Uma nasceu em São Paulo, a outra em Porto Alegre e outra no Rio Grande do Sul. A *Última Hora*, em 1964, é fechada em Porto Alegre. Ele se junta ao [Maurício] Sirotsky [Sobrinho] e lança a *Zero Hora*. Quem lançou a *Zero Hora* foi ele. Só que aí acabou vendendo a *Zero Hora* para... porque ele tocava violão, amigo do Lupicínio Rodrigues nas noitadas, aí acabou vendendo a *Zero Hora* para o Sirotsky. Hoje o jornal é uma potência, mas teve outras chances na vida que foi *O Dia* depois.

E como você vê *O Dia* hoje?

É um jornal popular que melhorou muito. Desde o tempo que eu saí, é óbvio, avançou demais. Depois a marca, que foi cor em todas as páginas e tudo isso. Poderia ser o jornal popular mais importante do país. Mas perde para alguns outros jornais, hoje em dia. Perde para o *Extra* e editorialmente eu tenho minhas críticas de como é feito hoje, mas vamos parar aqui e deixa pra lá.

Mudou, dentro de *O Dia*, o modo como o jornalismo policial era tratado? Qual sua avaliação da relação do jornalismo, particularmente, com a violência no Rio de Janeiro, que é uma cidade marcada por isso?

É claro que o jornal não é culpado pela violência do Rio, mas ele tem uma parcela de culpa disso. Eu acho que tem muitos crimes do dia-a-dia da cidade que não têm de ser noticiados. Na verdade eles não interessam a ninguém, só ao sujeito que cometeu o crime. Crimes horrorosos, em que a pessoa faz aquilo e quem reconhece o crime é o jornal. Quando o jornal noticia, é como o jornal estar dando um atestado pra ele dizendo "ó, você fez o seu trabalho certo". Isso aí eu pude ver lá no *O Dia*. Quando eu decidi que não ia publicar mais aquelas fotos horrorosas, as fotos continuavam sendo produzidas, eu continuava guardando as fotos. Mas, cada vez eu guardava menos, porque cada vez apareciam menos crimes daqueles. Quando *O Povo* foi lançado, basta pegar a coleção, você vai ver que os crimes que

O Povo publica, horrorosos, são crimes que aconteceram não no dia, mas aconteceram um mês antes, quinze dias antes. Então, eles dão publicidade a crimes antigos que depois começam a ter seus crimes do dia-a-dia. De fato, isso teve muito, essa coisa de jogo do bicho, dessas bandidagens que têm e os jornais sempre fizeram vista grossa pra isso, entende? Eu me lembro que uma vez prenderam o [bicheiro] Castor de Andrade na polícia federal e ele foi visitado lá pelo diretor geral da *TV Globo*, pelo João Havelange. Todas as pessoas achavam que isto era normal. O camarote dele na Sapucaí era freqüentado por pessoas da sociedade e ninguém achava isso nada demais. Então, não tem porque ficar agora reclamando. Eu estou me incluindo também, eu não estou fora disso. Mas aqui mesmo em Botafogo tinha briga de quadrilha. O Zeca não sei o quê contra não sei quem, e a polícia ia e não conseguia prender. O repórter ia lá e entrevistava o sujeito. Isso aí era uma aberração para a polícia, é óbvio, né? Então, eu acho que muita coisa foi feita, que a imprensa tem culpa. Um dia, a imprensa vai ter que fazer essa *mea culpa*, vai ter que pedir desculpas à população.

Você volta, então, em 1991, ao *Jornal do Brasil*, sua terceira passagem pelo jornal. O que o levou de volta ao *JB*?

Um convite do dono do jornal, o Nascimento Brito. Eu estava n' *O Dia* e minha experiência tinha sido boa. O Marcos Sá Corrêa, que tinha ido pra lá em 1985, estava saindo. É uma história curiosa, porque quem ia pra lá - ou pelo menos ele entendia como se fosse uma sondagem - era o Rosental Calmon Alves, muito amigo meu. O Rosental todo dia ligava para mim e dizia "Hoje aconteceu isso, hoje aconteceu aquilo outro". Ele contava cada passo. "Hoje me perguntaram não sei o quê". Aí, o Rosental, no fim de semana, resolve ir para Vitória - ele é de lá - e me chama para ir. Aí eu digo "hoje eu não posso ir, mas amanhã eu vou". Só que, naquela noite, o Nascimento Brito liga pra mim, para eu ir lá conversar com ele. Ou seja, quando eu liguei para o Rosental que eu não ia pra Vitória, tinha outra razão. "Eu não vou pra Vitória, porque eu vou para o lugar que você achou que era você que ia, certo?" Ele me convidou para ir pra lá. Ele já me conhecia. Nessa época eu já tinha quinze anos de *JB* e era conhecido do jornal, ele me conhecia, então, acho que era mais ou menos fácil. Aí eu fui para o *JB* e o Marcos acabou indo para *O Dia*, para o meu lugar.

Trocaram de lugar?

Trocamos de lugar.

Você, então, volta para o *JB* como editor-chefe?

Como editor-chefe.

Você disse que no final dos anos 1980 começa uma crise no JB. Nesse momento, em 1991, qual era a situação do jornal?

A situação do jornal era a seguinte: quando eu cheguei lá, três ou quatro últimos salários estavam atrasados. Os repórteres andavam com um *bottom* escrito "Se liga, JB", havia reuniões, comícios na redação de vez em quando, lá, nessa época. Mas, ainda bem que não teve nenhum atraso no período em que eu estive lá, de 1991 a 1995. Pelo menos, nesse período. Depois, atrasou de novo.

Nesse período, você viveu acontecimentos marcantes no JB, por exemplo, em 1993, a morte do [colunista Carlos] Castello Branco. Qual o impacto que isso teve no jornal?

Ninguém compra o jornal por causa de uma pessoa só. Como *O Globo* de hoje: ninguém vai comprar por causa do Veríssimo, por causa do Ancelmo ou por causa do Xexéo ou do Zuenir. Compra pelo conjunto da obra. Agora, o Castello era um dos repórteres políticos mais importantes do país, tinha uma coluna lá há anos, claro que era um baque. E foi uma coisa repentina. No dia anterior, eu estive lá com o doutor Brito para visitá-lo, ele estava sentado na cama, se recuperando, conversando baixinho, porque [o câncer] era na garganta. Ele falava pouco também. Mas, estava conversando. Só que, naquela noite, ele teve um infarto e morreu. Então, foi um baque grande. Tive dois baques. Tive esse e a saída do Zózimo. Ele era uma marca do JB. E o Zózimo saiu, foi para *O Globo*. Mas tinha que navegar. Aí, continuamos.

É nesse momento que entra uma nova turma de colunistas. Você pode falar um pouco sobre isso?

Para substituir o Castello, o Marcelo Pontes escrevia nas segundas-feiras. O Castello escrevia de terça a domingo e segunda-feira quem escrevia naquele espaço era o Marcelo Pontes. E aí o Marcelo foi efetivado. Aliás, não é isso não. O Marcelo fazia o Informe JB e escrevia esporadicamente. Teve um período que o Etevaldo Dias escrevia, mas o Etevaldo já tinha deixado de escrever. Aí o Marcelo vai para o lugar do Castello e a Dora Kramer, que estava em Brasília, vem para o lugar do Marcelo no Informe JB. Ela se muda pro Rio, chateada da vida por conta disso. Ela tinha que morar no Rio, mas achava que podia fazer a coluna de Brasília. Eu achava que não, tinha de ser do Rio de Janeiro. E aí, ela começou a fazer.

E quem mais começa como colunista do JB?

Nessa época, só esses dois. No período em que eu estive lá, a gente fez uma reforma em que nós temos o [Arthur] Xexéo, como colunista, o Zuenir Ventura, o [Luís Fernando] Veríssimo também. Quando eu estava, lá tinha o Millôr Fernandes, que saiu. Esse não foi baque nenhum, mas tinha aquele espaço que era o quadrado da página onze. Aí botamos o Veríssimo. Depois quando o Zózimo saiu, botamos a Danuza Leão. Quem mais? Havia outros também, mas esses eram as novidades. Também tinha outros jornalistas que foram pra lá nessa época. O Armando Nogueira foi escrever sobre esportes. A coluna do Armando Nogueira já existia, já era grande quando foi pra lá.

Zuenir?

O Zuenir não fazia crônica. Ele até diz que quem inventou que ele era repórter foi o Marcos Sá Corrêa e quem inventou que ele era colunista fui eu. Teve um dia que a gente resolveu fazer uma reforma e lançar diversas pessoas. Entre elas, estava o Zuenir. Ele não topou, mas não topou, assim, dois dias antes. "Eu não sei fazer isso, eu não vou fazer". Por isso, o Xexéo foi lançado, porque o Zuenir não topou. Mais tarde, o Zuenir aceitou. Seis, oito meses depois.

Você usou o termo reforma duas vezes. Isso fazia parte de um projeto que pretendia lançar novos nomes, novos colunistas ou vocês também queriam mudar a visão editorial?

Não. A gente queria vender mais. Fizemos dois milagres lá. Primeiro, nós colocamos cor no *JB*. O chefe dos editorialistas era o Wilson Figueiredo. Ligavam pra ele e falavam "puxa, agora tem cor" e ele "agora tem umas máquinas novas". Tudo mentira, não tinha máquina nova nenhuma. Era a mesma máquina que se descobriu lá na minha época e que podia fazer cor. Se o *JB* fizesse cor quando comprou a máquina, talvez não ficasse mal das pernas como ficou. Aí, nós descobrimos que podíamos fazer cor, não com a qualidade que os outros faziam, porque os outros eram em *off set* e a gente não, mas podíamos fazer cor também. Então, botamos cor no *JB*, pusemos o jornal na internet. O primeiro jornal online do Brasil é o *JB*. Fizemos, durante quinze dias, durante a Rio 92, um jornal diário, tablóide, em inglês. Fizemos muita coisa lá.

E tinha o caderno também, sem ser esse em inglês, tinha um caderno mesmo de ecologia...

Tinha o Caderno de Ecologia, mas a gente fez um jornal diário com notícias igual ao *JB*, quer dizer, um resumo do *JB* que ia para as bancas, para os assinantes, ia para

os participantes da Rio 92, em inglês, em tamanho tablóide. Quem tocava isso era a Regina Zappa. Ela era a editora desse caderno.

Em seguida você vai para a sucursal de *O Globo* em Brasília. Por que aconteceu essa mudança?

Eu saí do *JB* em 1995. Saí e fui fazer outra coisa, fui fazer teatro, larguei o jornalismo. Eu queria fazer teatro. Eu tinha idéia, uma peça na cabeça que eu queria fazer e fiz. Fui para Nova Iorque, fiquei dois meses lá, à toa na vida, e aí teve até alguns convites para voltar. A *Manchete* ainda resistia, o Cony me chamou para ir pra *Manchete* e tinha um jornal também em busca de um santo, tinha umas coisas aí, mas eu não quis, quis fazer a minha peça. Aí fui fazer.

Que peça foi essa?

Foi um musical sobre o Gonzaguinha. Fez sucesso. Eu ganhei até dinheiro, eu nem acreditava. As pessoas falavam assim: "você é maluco". Porque eu escrevi e dirigi. Talvez aprendendo alguma coisa lá do caderno Cidade, porque quando eu fiz o caderno Cidade, eu era chefe de reportagem e aí, uma das minhas conversas com o Marcos era isso: "no jornal, o que produz, não edita e o que edita, não produz. Então, todo dia tem briga". "Você não editou aquilo que eu produzi" e "você não produziu aquilo que eu queria editar". Como lá no Caderno Cidade eu fazia as duas coisas, eu produzia e editava, então eu brigava comigo mesmo. E no teatro foi a mesma coisa, eu escrevi e dirigi. Então, se desse certo era comigo e se desse errado era comigo também. Porque falavam assim: "escrever você escreve, agora, dirigir, chama um cara que entenda disso pra fazer". E eu: "Eu não. Depois dá certo, a glória é dele e eu fico sem nada. Não, eu quero fazer tudo". Eu só não fui o ator. Fora isso, eu fiz tudo. E naquela época não tinha musical, mas hoje em dia o que tem mais é musical. E foi bom também, porque fez sucesso. Era um ator só e o prêmio de teatro é o Prêmio Shell, que é o principal prêmio. Ele não trabalhava na *TV Globo*, porque, hoje em dia, você só vai ao teatro se o ator for da *TV Globo*, se você conhecer o cara. Se não, você não vai. O ator era o Gaspar Filho. Então, ninguém vai ver peça do Gaspar Filho, nem a peça do Dácio Malta. Ninguém sabe quem é o Dácio Malta, nem quem é o Gaspar Filho. Então, não vai. Mas foi ótimo e o cara foi indicado para o Prêmio Shell... Não ganhou, mas, naquele ano, só três foram indicados e ele foi um dos três melhores e dirigido por mim. Você vê que coisa de doido. Eu estava fazendo isso e essa peça foi para São Paulo, Minas, voltou pro Rio. *O Globo* me chamou através do Merval [Pereira]. Eu tinha trabalhado com ele lá na *Veja*. No *JB* eu era o editor-chefe e ele editor-executivo. Era ele, o Rosental e o Etevaldo Dias, os três editores executivos. Ele [Merval] era diretor de

O Globo, avisou "o jornal quer fazer um jornal popular" - era o *Extra*, mas ainda não tinha nome - "e queria que você fosse pra lá". Eu: "então eu vou". O teatro era muito bom, deu certo, mas fazer jornal era mais fácil que fazer teatro. Aí eu topei. Só que estava demorando, demorando, me deram uma data, adiaram, até que, um dia, ele falou: "o negócio do jornal popular está de pé, estamos esperando só o melhor momento, mas abriu uma vaga em Brasília". O Franklin Martins era o diretor e se desentendeu com a direção do jornal aqui no Rio e saiu. "Então, quer ir pra Brasília? Você já conhece todo mundo lá". "Está bom, então eu vou". Aí eu fui. Ninguém me disse quanto tempo eu ia ficar lá, mas na minha cabeça eu ia ficar um ano e meio, dois anos, que era o que todo mundo ficava, mas fiquei sete anos.

Durante esses sete anos, então, você pega o governo Fernando Henrique e depois o Lula...

É. Pego o final do primeiro governo Fernando Henrique, depois pego o segundo mandato inteiro e o começo do governo Lula.

Como você avalia a relação desses dois governos com a imprensa? Vamos falar primeiro do governo Fernando Henrique. Como era a relação de...

Era infinitamente melhor.

Por que?

Porque eles davam notícias, eles recebiam, conversavam... E o Lula de jeito nenhum, pelo menos no início. No primeiro ano em que eu estava lá, era muito difícil. E quando ele [Lula] aceitou abrir... Teve um dia em que ele finalmente disse "vou conversar com as pessoas". Houve um jantar na casa da Teresa Cruvinel, tinha quinze jornalistas, ele foi e foi uma conversa ótima. Mas, eu nunca entendi porque ele fugia, porque ele é articulado, fala bem, faz tudo certo, mas, tinha um medo danado. Aí, finalmente ele aceitou, falou, foi uma maravilha. Só que no dia seguinte, estourou o escândalo do Valdomiro [Diniz]. Aí, pronto, acabou, fechou tudo de novo.

No dia seguinte?

No dia seguinte ou dois dias depois. Não foi mais de quarenta e oito horas, não.

E como você avalia a forma como esses jornais vêm cobrindo esses escândalos?

Avalio muito mal. Bom, os donos de jornal odeiam o Lula, então, a cobertura é a pior possível, é ranzinza, persegue, nada que ele faz é certo. Tem os donos de

jornais e tem a redação também. Aquela coisa do casamento que eu falei antes. Tem mais ou menos isso aí que casa. Outro dia, estava vendo uma entrevista do Veríssimo na televisão - esqueci qual é o nome do programa, tem um projeto que passa em Brasília, passa em Belo Horizonte...

Observatório da Imprensa?

Não. É um mineiro que recebe escritores. Você lança um livro e ele vai lá... O Veríssimo estava lá e perguntaram a ele o que é que tinha mudado. E ele virou e disse "acho que o que mudou foi basicamente o seguinte, antigamente o repórter era de esquerda. E aí você ia ficando mais velho, ia vendo o chefe e passava a ser de direita. Mas a base ali que era essa". Hoje em dia somos todos contra e é uma coisa que é gratuita, é uma coisa pirracenta mesmo.

Você acha que a imprensa cobre mal?

Cobre mal, com má vontade... No meu tempo, tinha aquela coisa que é a seguinte, o repórter tem que ser isento. Então, a reportagem tem que ser isenta e a opinião do jornal é que vai nos instruir algo. A opinião do jornal hoje está em cada matéria, em cada título, em cada coisa.

Você acha que isso fez perder a força da política dos jornais, o impacto que essa cobertura pode ter para a sociedade?

Não, força política eu acho que eles não perderam, porque até eles estão pautando muita gente. Eles pautam o Supremo. Essa coisa das algemas, você vê, *O Globo* deu uma manchete dizendo que a Polícia Federal desrespeitou uma ordem do Supremo. O Supremo foi lá e no mesmo dia, baixou uma ordem... porque o que Supremo tinha julgado naquele dia não era prender o sujeito e colocar as algemas. O voto do Ministro Marco Aurélio tinha sido sobre levar o sujeito algemado para o julgamento. O cara estava em frente ao juiz e ele estava algemado. Isso era que o Supremo era contra. Aí, de repente, prenderam o Daniel Dantas e a questão das algemas gerou uma questão nacional. Mas o jornal hoje pauta muita gente, pauta o Supremo, pauta o Congresso. Boa parte da agenda do Congresso é imprensa. Pautam governadores, pautam tudo.

Como você acha que os jornais impressos estão lidando com todas as facilidades que as novas tecnologias trouxeram, da rapidez da informação, como você acha que eles se ajustaram ao novo cenário?

Os jornais estão vendendo mais. Os jornais aqui no Brasil ainda não sentiram o peso da internet, ao contrário do resto do mundo. O resto do mundo já está

sentindo. Antigamente, para fazer sucesso, você tinha que estar atrelado a um jornal. Se você fizesse um site noticioso, você não teria sucesso. Se fosse mesmo de algum provedor, do IG ou sei lá quem, não teria muito sucesso. Tinha que ser d'O *Globo*, do *Estadão*. Nos Estados Unidos isso, hoje em dia, já não tem mais. Estava conversando com o Rosental sobre isso e lá tem mil quatrocentos e noventa e dois jornais diários, todos têm o seu site, mas entre os dez mais lidos, dois são de pessoas que não têm jornal nenhum, pessoas avulsas, que conseguem mais audiência do que aqueles que têm jornal. E o que os jornais estão fazendo hoje é lançar sites que não estão atrelados ao jornal. O site do *Le Monde* não tem nada a ver com o *Le Monde*, não se chama *Le Monde*, não tem nem a marca do *Le Monde*. Se algum dia o *Le Monde* acabar, ele tem um novo produto que pode ter até a mesma linha, a mesma coisa, mas não tem nada a ver com o *Le Monde*.

Você ocupou cargos de direção nos três principais jornais da cidade, O Dia, JB e O Globo. O que essa experiência lhe deu?

Ah, sei lá. Deu alegria, aprendi muita coisa, um serve pro outro, foi muito bom.

Deu a você uma visão geral, também, de como é esse mercado?

Deu, claro. Eu tinha que tomar decisões, embora o mercado mude muito. Eu fui diretor também em Brasília, mas não participava dessas decisões como eu participava aqui n'O *Dia* e no *JB*. Eu era diretor, quer dizer, participava das coisas que diziam respeito a Brasília e, é claro que eu dava palpites aqui no Rio, até ajudava em algumas coisas. O Veríssimo, por exemplo. O *Globo* queria levar o Veríssimo do *JB* para O *Globo* e achavam que não era possível. O Evandro Carlos de Andrade já tinha ido em Porto Alegre três vezes conversar com ele e ele não aceitava de jeito nenhum. Eu dizia: "aceita sim, é besteira". O Ali Khamel era diretor na época e: "aceita mesmo?". "Claro que aceita". Aí eu fui lá, perguntei e tudo bem. "Liga pra ele, chama ele aqui que ele vai aceitar". "Vai aceitar nada". Nem eu indo e voltando, dizendo "tudo bem", ele acreditava. Então era mais ou menos assim e foi assim com Veríssimo, com Xéxeo, com Zuenir, principalmente com as pessoas que foram do *JB*.

Você saiu d'O Globo em 2004. O que foi fazer depois?

Quando eu estava saindo do *Globo*, em Brasília, estava começando a campanha pra prefeito aqui no Rio e aí o [Jorge] Bittar, candidato do PT, me chamou. Na verdade, ele convidou uma empresa de assessoria e essa empresa me perguntou se eu topava e eu topei, achei que seria divertido e foi. Perdeu a eleição de maneira vergonhosa, mas foi divertido, aprendi também muita coisa. O Nizan Guanaes

cuidava da parte de televisão e se metia muita na campanha. Vai ver por isso ele perdeu.

A sua função na campanha era o quê?

Eu era assessor de imprensa, alguma coisa assim. A gente tinha um site e acompanhava o Bittar.

Depois disso, você teve outros envolvimento com política?

Não, foi só esse. Foi um período de três a quatro meses. Depois, mais recentemente, em 2006, o Eucimar, que foi diretor de *O Dia*, fez outra reforma lá, chamou umas pessoas. O jornal vive fazendo reformas. Aí me chamou pra fazer uma coluna lá, que era o Informe de *O Dia*. E eu: "será que eu vou saber fazer isso, nunca fiz". Não sabia nem que sabia escrever ainda. Fiquei tanto tempo sem escrever... O Ricardo Kotscho é que diz assim: "você já foi repórter alguma vez? Porque quando eu te conheci, você já era chefe". Entendeu? Eu fui chefe durante muito tempo. Então, não escrevia nada. Mas, aí eu fui e, aparentemente, deu certo. Foi divertido enquanto durou. Foram três meses.

E agora?

Agora eu estou aqui conversando com você, contando essas histórias passadas. Ah, sim e estou dando aula numa faculdade aqui, na UniverCidade, mas também só tem uma semana.

Qual a disciplina?

Jornalismo Impresso. Não sei se eu sei fazer isso não, mas me chamaram, então, eu estou lá.

Que qualidade você acha que um bom jornalista tem que ter?

Primeiro curiosidade. Depois, tem que ler jornal, porque as pessoas hoje não lêem muito jornal. Mas tem que ter curiosidade, tem que saber escrever, não precisa gostar de escrever, mas tem que saber escrever e ser séria. Isso serve para qualquer profissão, não apenas para jornalista. E, para fazer tudo que eu fiz tem que ter um pouco de sorte também. Porque tudo que eu fiz tem mil pessoas que poderiam fazer melhor do que eu fiz, mas eu tive sorte.

Como você avalia um projeto como esse, que tenta resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Eu acho extraordinário. Pena que tenha começado agora, porque tem muita gente que não está aqui e poderia dar depoimentos extraordinários, que foram importantes para profissão e serviriam até para alunos, para trabalhos, para a memória do jornal.

Você pegou um período da imprensa, período da ditadura, em que não havia nenhuma liberdade política, trabalhando como repórter, editor de política. Hoje gosta de se afirmar que é a imprensa livre. Até que ponto você diria que a imprensa brasileira é, de fato, livre? Até que ponto vai a liberdade de imprensa?

Ela vai até onde o dono do jornal quiser que ela vá. Você faz o que jornal quer, o jornal é dele. Então... você pode fazer tudo o que você quiser, menos aquilo que ele não queira que você faça. É isso.